

# CORREIO DO VOUEGA

Semanario  
independente, noticioso e litterario  
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
na Typographia de A. F. Vasconcellos, Suc.  
Rua de Sá Noronha, 51  
—  
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:  
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
NA  
RUA DE S. MIGUEL N.º 36  
—  
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceta collaboração que não seja sollicitada.

## Adiamento das côrtes

Até á constituição do actual ministerio, o monarcha não apparecera na scena politica—e toda a gente, quando fallava nelle, tinha uma palavra de sympathia para a creança que a Fatalidade arremessou para cima do throno e, portanto, para a frente dos destinos da nação.

Com a formação, porem, do ministerio Campos Henriques e especialmente com o primeiro acto d'este governo—o adiamento das côrtes—D. Manuel apparece em scena, na tragi-comedia que tem sido e continuará a ser a nossa vida politica.

Diz-se já até que elle não fôra extranho ás intrigas que desembarçaram os rotativos do sr. Ferreira do Amaral cujos processos pacíficos e serenos, que chegaram a ser interpretados como boa-vontade da sua parte para com os republicanos, assustaram o Paço.

O monarcha, de espirito naturalmente fraco, dirigido pela mãe que, exercendo sobre elle uma influencia decisiva, só o pode tornar mais fraco ainda, teve medo do phantasma da Republica que os politicos lhe apontaram por detraz do Ferreira do Amaral. E não ponde vêr, pobre creança, que o Amaral ainda era, na phrase d'um grande jornalista republicano, a ordem, o compasso de espera, a republica demorada.

Mettem-lhe medo—e elle agarrou-se aos rotativos, como o filho, assustado com a ideia do papão, se agarra ás saias da mãe.

D. Manuel ainda não quiz ou não ponde conhecer aquelles de quem se cerca, levado pela necessidade natural de defender-se da ideia republicana que em formidaveis ataques investe contra o throno. Ainda não quiz ou não ponde vêr que se o partido republicano engrossa no nosso paiz é exactamente á custa dos erros dos politicanes que nos ultimos tempos têm servido a monarchia—os mesmos a cuja guarda se confiou, agora, a si e á nação.

Se D. Manuel olhar para traz alguns annos na nossa vida politica, e estudar as causas que determinaram o descontentamento, a antipathia, iamos para dizer o odio, do paiz pelo seu pae,—tudo isso que, na tarde sombria de 1 de fevereiro, explodiu no cano da

espingarda do Buiça, ha-de deparar necessariamente com a acção funesta dos politicos que, cheios de maus habitos, tornaram mau o rei, e, procurando apenas engrandecer-se a si, arruinaram a nação.

D. Carlos não podia prodigalisar-lhes mais favores, á custa, é claro, do povo e da lei fundamental. Mas elles são de tal ordem—repare o sr. D. Manuel—que esqueceram a gratidão que deviam ao rei, para atirarem sobre elle, quando isso lhes conveio, toda a culpa do estado de desespero a que a nação chegou, no momento em que João Franco, com o seu espirito de despota, tornou impossivel a obra de moralisação que talvez a sua honestidade de administrador pudesse realisar.

Os partidos historicos accusavam o rei e João Franco—e não se lembravam de que estes não faziam mais do que agravar a situação por elles creada.

Se D. Manuel olhar para traz alguns annos na nossa vida politica e procurar estudala—a lição ha-de aproveitar-lhe.

Se o tivesse feito já, com o desejo de seguir caminho mais seguro do que o pae—mais seguro para si e para a nação—não teria iniciado a sua vida de monarcha por um acto de puro poder pessoal—o adiamento das côrtes.

Esqueceu, ou melhor, fizeram-no esquecer depressa tantas promessas que fez solemnemente, durante a sua estada no Porto, onde não se cançou de dizer ao povo—com o seu eterno sorriso nos labios e parecendo até que com o coração nas mãos que não se esqueceria d'elle, que viveria para elle.

Talvez D. Manuel fosse sincero, quando promettia, e talvez não quizesse principiar a faltar, tão novo, á sua palavra.

Mas os politicos mettem-lhe medo—e elle já começou a obedecer-lhes cegamente. E eis o primeiro acto da sua vida de automato:—a quem, ha dois dias ainda, dirigia sorridentemente palavras que pareciam vir d'um coração d'oiro, deu já o primeiro pontapé—porque assim se pode chamar ao adiamento do parlamento que, se não representa o povo, devia representalo.

Mal talvez nós não estejamos a encarar bem a questão e pôde ser que o sr. D. Manuel tenha razões poderosas para justificar o seu procedimento.

Nem poderosas, nem fracas. Se não vejâmos: Porque consentiu elle no adiamento das côrtes? Simplesmente porque os politicos lh'o exigiram. E porque o exigiram estes?—Por não encontrarem razão mais ridicula, allegaram falta de tempo para preparar as suas propostas, revelando assim apenas recearem a acção do parlamento que ia ser energica, decerto.

D. Manuel, então, que não pôde, pela sua inexperiencia, vêr claramente as coisas, não achou a unica resposta a dar-lhes:—que ás côrtes compete essencialmente—e isso daria trabalho bastante para entreter a sessão parlamentar—a iniciativa de aperfeçoar a nossa organização legislativa.

Mas o rei esqueceu tambem—e está nisto o peor mal do adiamento—que as côrtes têm a desempenhar a funcção imprescindivel de fiscalisar os actos do poder executivo.

Principiou, assim, a faltar ás suas recentes promessas para com o povo, dispensando os serviços dos que devem representar este, e deixando a nação entregue apenas aos seus caprichos e aos do governo.

Ninguem pode dizer que principiasse bem—e é lamentavel que assim seja, principalmente depois da lição tremenda de 1 de fevereiro.

## CARTA DE LISBOA

Janeiro, 7

O defuncto poeta Thomaz Ribeiro disse um dia, fallando de Portugal—«este jardim da Europa á beira-mar plantado»—e talvez a imagem fosse justa, porque, por toda a parte, neste torrão bemdito, nós vêmos rebentar em florações brilhantes uma natureza vegetal rica e variadissima; mas eu pretendo dar outra interpretação ao dito do poeta beirão que, ao mesmo tempo que era um lyrico insigne, era um politico habil, e talvez quizesse fazer referencia ironica á variadissima flóra da nossa Arcada.

Na verdade, passando em revista as varias personalidades em evidencia no nosso meio politico, vêmos que muitas d'ellas se podem com precisão e graça assimilar a individuos do reino vegetal. Por exemplo: o sr. José Luciano seria um velho carvalho frondente, carcumido, anichando nas massas profundas dos seus tecidos podres uma variada e incontavel

sucia de parasitas;—o sr. Campos Henriques, esse então toda a gente já o conhece pelo Lyrio... pendente que reverdeceu!

Eu podia continuar na comparação e seria até muito feliz se fôsse rebuscar á familia das Parasitarias—mas acho mais interessante o fazer salientar aos olhos do leitor—que com certeza é floricultor apaixonado—aquella circumstancia referida acima do reverdecimento do Lyrio Pendente da politica portugueza.

Sua Ex.<sup>a</sup> numa carreira politica já bastante longa, apresenta sempre uma attitude murcha, incolôr, sem violencias de palavra ou acção que nós portuguezes uniformemente apreciamos como qualidades imprescindiveis nos nossos politicos; não consta que partisse cadeiras no parlamento nem jámais provocou, num atrevido *á parte*, as susceptibilidades ponderosas d'algun *pae da patria*. Estamos habituados a vê-lo no seu *fauteil* de S. Bento—enfasiado, nostálgico, volvendo ás damas das galerias olhares sonhadores e inoffensivos... e, quando ministro, era rijamente interpellado por algum deputado de sangue vivo, ouviamol-o responder numa voz mellosa e debil umas phrases sem eloquencia e convicção, como d'alguem que vae mandal-os todos á tabúa e continuar a julgar policias correccionaes nas Caldas da Rainha.

Pois foi essa attitude que lhe valeu o lindo cognome de Lyrio Pendente!

Ora, o sr. José Luciano que dizem estar tropego e talvez já enfasiado de ter como unica occupação o cofiar o pello sedôso do seu pachorrento gato maltez teve a ideia caprichosa de se dedicar á floricultura—e, como S. Ex.<sup>a</sup> faz a sua educação artistica e litteraria pelos moldes sentimentaes do Romantismo,—escolheu para a cultura delicada no seu gabinete o Lyrio que tanto pôde, sendo branco, symbolisar as virtudes da Virgem Immaculada—muito mais virgem mas muito menos immaculada do que S. Ex.<sup>a</sup>—como, vermelho, servir de embléma á luxuosa e artistica Florença dos Medicis.

Foi uma escolha genial: se por um lado lisongeia as hostes beatas que lhe deram o sr. D. João d'Alarcão, offerecendo-lhe o Lyrio Branco da Virgem Immaculada—muito mais virgem mas muito menos immaculada do que S. Ex.<sup>a</sup>—, por outro

captará as sympathias da sua velha rapaziada rubra e patuleia, mimoseando-os com um Lyrio vermelho, como embléma a ostentar em rijos combates que vão ferir-se.

Não se admire, caro leitor, d'estes cambiantes vermelho e branco do Lyrio—Campos Henriques, que ainda ha-de passar por mais:—até se ha-de vêr azul.

Mendes do Rio.

## De passagem

Dá conta o nosso amavel correspondente da capital de dois desastres, devidos ambos a automobilismo e que, segundo a sua propria phrase, assignalaram o dia dos Reis.

D'um foi victima um limpavias dos electricos; d'outro por pouco escapou um operario.—Dois desprotegidos da fortuna e da sociedade, dois famintos que não se teriam cançado de gritar a sua dor, sempre que vissem passar, em toda a opulencia, os que não precisam de trabalhar, os que passam ociosamente a vida, gosando o singularissimo prazer—para elles, é claro,—das velocidades não sabemos a quantos kilometros por segundo e que só se acreditam, vendo-se.

Andariam já cançados de gritar, mas conseguiram, afinal, que os ouvissem e lhes dessem o unico remedio infallivel para os seus males—a morte.

Sim, os que não precisam de trabalhar levaram ao extremo a sua generosidade para os que só tem na vida o prazer do trabalho—e por um processo simples e rapido: o esmagamento por meio d'automovel.

Isto passou já a moda; entrou nos nossos costumes. E seria um caso banal, se, uma vez ou outra, não fosse acompanhado de episodios novos.

E aqui temos nós o de dia dos Reis que é revestido d'um detalhe que jámais pôde esquecer a quem anceando por que o homem chegue a ser bom, tem de reconhecer que elle está cada vez peor.

E é este: a fuga cobarde do automovel. Temos de dizer assim, porque os jornaes de grande informação—estamos com o *Seculo* deante de nós—levaram o seu extraordinario escrupulo a ponto de não descobrirem o nome do proprietario d'aquelle, dizendo apenas, e talvez para explicar a sua ommissão, que elle é um indi-

viduo de importancia social!...

O automovel—temos de continuar a exprimir-nos d'este modo—fugiu apoz o esmagamento do pobre José Thiago—assim se chamava o limpa-calhas.

Isto leva-nos a concluir que elle não concorreu simplesmente para um desastre, mas que cometteu um crime.

No primeiro caso, seria um innocente e os innocentes não fogem; só foge quem tem a consciencia de que, pelos seus actos, se tornou responsavel para com a sociedade e não lhe quer prestar contas.

O automovel, pois, quando fugiu, não deixou atraz de si um desastre, mas um crime que ficará impune—não seria talvez preciso acrescentar.—Deixou uma familia em maior miseria ainda do que aquella em que já vivia—e á humanidade mais um exemplo da maldade do homem.

## DOS NOSSOS AMIGOS

Como promettemos no ultimo numero, damos hoje publicidade á carta que nos enviou o nosso amigo sr. Pinho Brandão. Por ser muito extensa, e porque parte d'ella se refere exclusivamente a nós, não a publicamos na integra, tanto mais que o espaço de que dispomos é muito limitado.

O que publicamos, no entanto, é bastante para mostrar quanto aquelle nosso presado amigo se interessa por Eixo, e o que fica por publicar, á parte o exaggero de amabilidade, dá-nos a convicção gratissima de que o sr. Pinho Brandão nos estima e de que a nossa modesta obra merece sympathias.

...Sr. director:

Como dedicado amigo d'Eixo, me dirijo a V., para lhe manifestar em palavras despretenciosas, mas sinceras, o meu extranho contentamento por vêr que V. realizou os seus desejos, fazendo reaparecer o «Correio do Vouga»

A sua iniciativa é de veras sympathica e louvavel, e estou certo de que d'ella não-de resultar van-

Uma visita

de meia cerimonia

A's nove horas da manhã de um dia de verão, o marido de D. Violante da Cunha encontra no Chiado o esposo de D. Gabriella da Silva, e diz-lhe:

—Estamos envergonhados; ha mais de tres mezes que devemos uma visitinha...

—Não é dever, mas realmente tem sido uma ausencia... Minha mulher ainda hontem me disse: «estarás doente a D. Violante?»—Na ausencia assim é que se falla.

—Pois lá em casa temos andado de dia para dia; uma vez é a Mariquinhas que está adoentada, outras vezes a Therezinha com o seu ataque de nervos.

—Que tenha sido por motivo de doença, é o que eu sinto.

—Agora está a coisa resolvida para quinta-feira.

—Ainda bem, é uma agradável noticia que levo á Gabriella. Ficamos anciosos.

—Lá em casa todos bons?

—Com uma saude digna de exposição.

—Os meus respeitos ás senhoras,

agens reaes para Eixo, tanto mais que tenho razões para me convencer de que o seu jornal ha-de ter sempre por lemma os altos principios da Verdade e da Justiça, procurando constantemente educar e moralisar. D'este modo, concorrerá indubitavelmente para o desenvolvimento social da terra cujos interesses defende, porque, digamolo de passagem, a imprensa ainda constitue, quando bem orientada, o principal factor do progresso, da civilização e da felicidade d'um povo.

O seu jornal, que foi aqui recebido com muito agrado, sendo lido com extraordinario interesse por todos, será acolhido ainda mais jubilosamente, se isso é possível, por aquellos nossos conterraneos que, por longes terras de Santa Cruz e Africa, numa lucta constante e ardua, passam annos e annos de nostalgia, lembrando-se da familia e da patria. Para estes, quantas vezes o «Correio do Vouga» não levará, numa simples noticia, o motivo de intimas alegrias! Quantas vezes o não hão-de abençoar como a unica consolação no meio de todas as suas amarguras! Elles bendirão a sua obra, porque ainda é a ausencia que nos faz amar intensamente a terra que nos serviu de berço.

Eu termino, sr. director, exprimindo o sincero desejo de que todos se resolvam, cada um nos limites das suas forças, a cooperar comigo, para que a sua iniciativa se traduza por um progressivo desenvolvimento do nosso Eixo.

Eixo, 30 de dezembro

Creia-me, etc.

J. de Pinho Brandão.

ANGELO VIDAL

Acaba de ser nomeado professor da Escola Industrial «Infante D. Henrique» este nosso querido amigo e collaborador que igual profissão exercia já no lyceu «D. Manuel II» e no Asylo «D. Maria Amelia».

Angelo Vidal tem-se imposto á consideração e sympathia de todos que o conhecem pessoalmente ou de nome apenas até, pelo seu trabalho e pela affirmacão constante, em todos os actos da sua vida, quer de homem quer de professor, d'um nobilissimo character.

Neste momento de intensa alegria para si e para nós, não queremos mais do que fazer-lhe justiça, porque outra coisa não está nos nossos habitos e porque elle não precisa do favor do reclamo em que a imprensa portugueza costuma ser tão prodiga.

E para lhe fazermos justiça,

e até quinta-feira.

—Até quinta-feira. Vão cedinho.

—Pela volta das cinco horas da tarde.

—Muito bem, muito bem; até quinta-feira.

Apertam-se as mãos e despedem-se com o sorriso nos labios, traduzindo em ambos a alegria pela visita annunciada.

A's quatro horas da tarde do mesmo dia estão os dois maridos sentados ás respectivas mezas, presidindo ao repasto das familias respectivas.

O de D. Violante diz:

—Encontrei hoje o marido da Gabriella, ia tão em baixo!

—Sim?

—Uma sobrecasaquinha no fio...

—E naturalmente a camisa encardida.

—Conforme o costume.

—Aquella mulher sempre é uma desmazelada!

—Pois ganha como aquelles que melhor ganham.

—Quando se tem um estafermo d'aquelles em casa não ha dinheiro que chegue.

—Eu não sabia o que lhe havia de dizer a respeito da falta em que estamos; lá me desculpei com os

prestando-lhe a nossa homenagem de sentido affecto e de merecida admiracão, não bastava uma simples noticia feita quasi na hora em que este jornal tem de entrar na machina.

Mas não tem duvida. O muito que agora poderíamos dizer a seu respeito está gravado no espirito e no coração de todos que, convivendo com elle, ainda não conseguiram comprehender bem como, sendo tão pobre, pôde enxugar as lagrimas de tantos pobres, e, não tendo pela vida fóra um momento para descansar da ardua tarefa a que o obrigam os encargos da sua numerosissima familia, pôde lembrar-se, e mais do que lembrar-se, sentir as desgraças alheias.

Mas é assim. E, por isso, podemos affirmar que a sua nomeação será recebida com sympathia por todos — não motivando inveja ou má-vontade por parte de ninguém.

E nisto fica feito o seu maior e melhor elogio, restando-nos apenas protestar-lhe, num abraço cheio de affecto e de contentamento, que somos simplesmente sinceros nas ligeiras palavras que ahi ficam.

## AO SERAO GAZETILHA

Ao velho amigo Simões  
Cuja botica é um primor  
Onde fazem seus serões  
Nunes, Zé Nato, Prior  
E outros amigos d'estalo  
Que, na falta de melhor,  
Gostam de dar ao badalo;

E a você, amigo Avelino,  
Official d'igual mistér,  
E camarista de tino  
Que consegue quanto quer  
Prá nossa linda parvonia,  
Um pedido vou fazer  
Mesmo aqui sem mais cer'monia:

Aparte as opiniões  
Que p'ra si cada qual tem,  
Você, querido Simões,  
E Avelino, você tambem,  
Cooperativa leal  
Dos serões façam, p'ra bem  
Da nossa terra natal.

Que o doutor Moura chamado  
Seja p'ra'hi, me seduz,  
Pois gentinha tem salvado  
Mesmo não sendo Jesus.  
E a favor do bem commum,  
Guiados p'la mesma luz,  
Formem, juntinhos, só um.

Toda sécia, a progredir,  
Veremos nós Eixo então,  
E talvez que torne a vir  
A velha illuminação.  
Que de noite, oh! Deus do Ceu,  
Leva se cada encontrão  
De tirar-se-lhe o chapéu.

El-Vidalonga.

nervos da Therezinha, e disse-lhe que na quinta-feira sem falta lá iamos.

—Fizeste mal.

—Queria-te vêr no meu logar...

—Olha, eu irei, mas ha-de ser entrada por saída.

—Faze o que quizeres.

—Fujo de ir aquella casa; parece que morre a gente ali de sem-saboria.

As meninas abundam nas mesmas idéas, a creada franze os labios n'um sorriso desdenhoso, animada pelas palavras das senhoras.

Ao mesmo tempo o esposo de Gabriella, entre a sopa e o cosido, falla assim:

—Encontrei hoje o marido de D. Violante.

—Cada vez mais paspalhão, eim?

—Aquillo é uma doença que não tem cura.

—Fallou-te naturalmente do primo visconde, e da tia baroneza...

—Sempre a coçar o nariz com mêdo que lhe deixasse de ver o anel.

—O tal cachucho dos antepassados.

—Sem tirar nem pôr.

—Havia de fechar a boquinha, para fallar da Mariquinhas e da Therezinha...

## NOTICIARIO

**Consorelo.**—Realisou-se na ultima segunda-feira, pelas 7 horas da manhã, na igreja d'esta freguezia, o enlace matrimonial da sr.<sup>a</sup> D. Maria Estephania da Rocha, gentilissima filha do nosso illustre amigo sr. major David Ferreira da Rocha, com o sr. Antonio Ernesto Simões de Carvalho Lucas, alumno do 3.<sup>o</sup> anno da Faculdade de Direito.

Foram convidados a mãe e a irmã do noivo e os seus tios, sr. dr. Mattos e esposa; os srs. David Rocha, 2.<sup>o</sup> tenente da armada, Liborio Ferreira da Rocha e conselheiro José Luiz Ferreira Freire, respectivamente irmão, tio e primo da noiva; a sr.<sup>a</sup> D. Margarida Vasconcellos, do Porto, e o sr. José Prat, esposa e filho; o sr. João A. de Moraes Machado e esposa, e os paes da noiva.

Depois do acto religioso, foi servido em casa d'estes um profuso e esplendido copo d'agua partindo em seguida os recém-casados para o Norte onde passam a lua de mel.

Não conhecemos pessoalmente o noivo, mas dizem-nos que é um cavalheiro de apreciaveis qualidades de intelligencia e de character e, portanto, digno da esposa que escolheu e que é, sem a menor lisonja, uma senhora de educação esmeradissima, aliando a um espirito delicado um coração cheio de bondade.

Ardentemente desejamos que encontrem sempre junctionado de flôres o caminho da vida.

**Pela Imprensa.**—São da «Vitalidade» e dos «Successos», nossos collegas d'Aveiro, as referencias amáveis que abaixo publicamos e, reconhecidamente, agradecemos.

Da «Vitalidade»:

«Recomeçou a sua publicação, depois de a ter interrompido por algum tempo, o «Correio do Vouga», órgão dos interesses da antiga villa d'Eixo, e de que é proprietario e director o sr. dr. Alfredo Coelho de Magalhães, digno professor do lyceu do Porto e advogado n'aquella cidade.

A cabeça do «Correio do Vouga» é desenhada á penna e, se não erramos, será trabalho do nosso bom amigo e habil artista, sr. Angelo Coelho de Magalhães Vidal, professor de desenho no lyceu do Porto e moço de notaveis aptidões artisticas.

Saudando a reaparição do nosso collega, desejamos-lhe muitas prosperidades.»

Dos «Successos»:

«CORREIO DO VOUGA — Reappareceu em Eixo, este hebdomadario, intelligentemente dirigido pelo seu proprietario, sr. dr. Alfredo Rodrigues Coelho de Magalhães, illustrado professor do lyceu portuense.

Recebemos o 3.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> numeros. E' noticioso, pedagogico e litterario, e impresso no Porto, em cuja cidade,

—E para me dizer que as senhoras andam envergonhadas por não terem cá vindo.

—Que Deus as demore por lá muito tempo, as saudades não matam.

—E ainda que matassem podias tu matar as na quinta-feira.

—Na quinta-feira?

Annuncion-me que as senhoras...

—Que suas excellencias...

—Sim que suas excellencias tinham resolvido fazer-nos uma visita na quinta-feira.

As filhas exclamam:

—Credo!

A criada aventura-se a dizer:

—Como é quinta-feira, hão-de vir os lobos dos rapazes que devoram um po grande em fatias.

—Disse-me que vinha ás 5 da tarde.

—Era melhor pespegarem-se aqui ás 2 horas e jantarem tambem.

—Sempre são muito burgoezes.

—E com pretensões de fidalgos.

—O tal primo visconde supponho que foi moço de padeiro.

Na manhã do dia marcado, comecam os preparativos em casa das duas familias. Na de D. Gabriella sacodem se as cortinas da sala; renovam-se as velas dos castiçais; varre-se a escada; descamisa-se um

rua de S. Miguel, tem a sua redacção e administração.

Ao novel e bem feito confrade, as nossas felicitações, com desejos sinceros de longa e prospera existencia.»

**Instrucção primaria.**—Em harmonia com o decreto n.<sup>o</sup> 8 de 24 de dezembro de 1901 e com o capitulo 3.<sup>o</sup> do regulamento de ensino primario de 19 de setembro de 1902, está aberto concurso documental para o provimento do logar da escola do sexo feminino da freguezia de Sôza, concelho de Vagos e circulo escolar de Aveiro.

—Foi já assignado o decreto de creação d'uma escola na Gafanha (Vagos).

—Foi provido definitivamente o snr. Fernando de Castro Sousa Maia, dignissimo e illustrado professor da escola de Frossos (Albergaria-a-Velha).

**Casamento d'el-rei.**—Acabamos de vêr nos jornaes d'hoje a noticia de que foram iniciadas negociações para o casamento de el rei D. Manuel II com a princeza Alexandra, filha mais velha da princeza real d'Inglaterra, Luiza Victoria Alexandra Dagmar, que é filha segunda do rei d'aquella paiz.

**Caminho de ferro.**—A Camara da Murtoza anda a tratar de conseguir do governo um ramal de caminho de ferro que da estação d'aquella villa vá a Avanca, atravessando as freguezias de Bunnheiro e Pardilhó.

**Reorganização da nossa marinha.**—Vae ser nomeada uma commissão de officias da armada para proceder aos estudos necessarios para a reorganização da nossa marinha, pensando-se em adquirir 3 ou 4 cruzadores cujo custo deve orçar por 12 a 14:000 contos.

**Terramoto na Italia.**—Os jornaes todos os dias dão conta de novos portenores da catastrophe que enluctou a Italia e emocionou o mundo inteiro.

Tem-se repetido os abalos, constando que em Palmi um bastante violento, que se sentira ás quatro horas e meia da madrugada de ante-hontem, fez abater todos os edificios que ainda se encontravam de pé.

O director do observatorio de Florença affirma que durante annos haverá na Sicilia e na Calabria novos terramotos.

## EXPEDIENTE

**Pedimos aos nossos obsequiosos assignantes o favor de nos prevenirem, sempre que mudem de residencia, ou quando não recebam o jornal.**

sophá novo na saleta; passa se revista ás chavenas; reforça se o fornecimento de pão, e as senhoras fazem antes de jantar a sua toilette da noite, attendendo a que as visitas terão a imprudencia de se apresentar a uma hora extremamente incommoda.

Em casa de D. Violante anda tudo n'uma azafama iudiscriptivel. Faltam os espelhos para as senhoras se pentearem todas ao mesmo tempo. De cabellos caídos sobre os penteadores, duas meninas a cada espelho de palmo e meio, em quanto uma vê o olho direito, vê a outra o olho esquerdo. Os vestidos dependurados nas costas das cadeiras, esperam solememente as donas, como as capas bordadas dos padres n'uma sachristia, em manhã de missa cantada.

Os pequenos vestem-se de pois de jantar, porque ainda não têm cuidado em si, e vão aproveitando o alvoroço das pessoas crescidas para se irem á despensa sondar os mysterios d'uma ceira de figos e devassar o interior d'um queijo flamengo chegado n'aquella mesma occasião.

A's 5 horas em ponto bate D. Violante á porta de D. Gabriella. As senhoras entram para a sala o

**Subscrição** aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saúde, de ganharem os meios de subsistencia.

**Lista dos subscriptores:**

Alfredo C. de Magalhães . . .	10\$000
Angelo Vidal . . . . .	5\$000
D. Maria L. dos Reis e Lima . .	1\$000
D. Elisa dos Reis e Lima . . .	200
D. Amelia dos Reis e Lima . . .	200
D. Beatriz dos Reis e Lima . . .	200
José Ferreira de Magalhães . .	2\$000
Um anonymo . . . . .	2\$000
Fernando dos Santos Vaqueiro	500
<b>Somma . . . . .</b>	<b>21\$100</b>

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisboa, Rua Augusta, n.º 100-1, e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

**NOTICIAS PESSOAES**

Encontra-se em Lisboa o nosso illustre amigo sr. Conde d'Agueda, dignissimo governador civil do districto d'Aveiro.

Estiveram no Porto, na ultima sexta-feira, os nossos presados amigos, snrs. dr. Eduardo de Moura, Manuel Rodrigues Fernandes Junior e Manuel Marques Ferreira.

Depois de ter passado alguns dias em Aveiro, regressou ao Porto o nosso presado amigo e collaborador, sr. Arthur Mendes da Costa.

Está gravemente enfermo o nosso conterraneo, sr. José da Costa Santos, por cujas melhoras fazemos sinceros votos.

Das suas casas da Povoia do Forno regressaram ao Porto os nossos presados amigos, snrs. Manuel d'Oliveira Santos e Joaquim de Carvalho.

Depois de ter passado alguns dias na sua casa de Fermentellos, regressou a S. João de Loure, onde é distincto professor, o nosso presadissimo amigo, sr. Alexandre Nunes Vidal.

Retirou para Lisboa, no «rapido» de quinta feira, o nosso presado amigo e conterraneo, sr. Sebastião Pereira de Figueiredo.

Retirou para Coimbra o nosso amigo sr. João Martins de Pinho Brandão, distincto alumno do seminario d'aquella cidade.

Estiveram ultimamente em Aveiro os snrs. drs. Florindo Nunes da Silva, Abilio Gonçalves Marques e Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, Francisco Gaspar

esperam um momento, enquanto a familia engole apressadamente as ultimas peras da sobremesa. Uma tia velha, amiga da sua commoidade, e que não se preparou para o ceremonial da visita, espreita as recém-chegadas pelo buraco d'uma fechadura e diz para dentro em tom mysterioso:

— São os mesmos vestidinhos do anno passado, e os chapéus tambem me parece que levaram volta.

Na sala a mãe inclina a cabeça para o ouvido d'uma das meninas, e diz lhe baixinho:

— A esteira parece nova.

— Não é. mamã; bem se conhece que foi lavada com gengibre.

— Não te lembras que a outra não tinha barra?

— E' verdade, é verdade; se é nova é bem ordinaria.

— Aquellas cortinas estão mesmo a suspirar pela barreira.

E os castiças choram por branco de Hespanha.

— O espelho é novo e não parece mau.

Dois minutos depois entram na sala os de casa, e scintilla subitamente a alegria em todos os rostos; animam-se todos ao cruzar das primeiras exclamações.

— Muito bem apparecidas! Muito

Afonso, Manuel Pedro Coutinho e Manuel Maria Amador.

— Esteve tambem, ha dias, em Aveiro, o digno par do reino, sr. Condeheiro José Luiz Ferreira Freire.

— Tem passado incommodada a esposa do nosso presado amigo, sr. Joaquim de Mattos Alla, illustrado professor na Borralha (Agueda).

Muito estimamos que se restabeleça depressa.

— Regressou a Coimbra, onde é alumno muito distincto da Universidade, o sr. Alberto Ruella.

— Com a sua exm.<sup>a</sup> familia, retirou para Lisboa, onde conta demorar-se alguns mezes, o nosso querido amigo, sr. Luiz Felix Pereira de Menezes.

**DOS NOSSOS CORRESPONDENTES**

**Lisboa, 7**

Partiu para o Cartaxo, onde vaé tratar de negócios relativos ao seu importante armazem de vinhos da rua Vasco da Gama, o nosso presado amigo e assignante Antonio da Costa Jerego.

— Vindos de Santos (Brazil) estiveram nesta cidade, d'onde seguiram para S. João de Loure, os snrs. Adriano da Silva e Francisco Henriques da Silva. Estes nossos amigos, porque não se deram bem, pouco tempo se demoraram no Brazil.

— Chegou a esta cidade, vindo de S. João de Loure, a sr.<sup>a</sup> Joaquina de Pinho.

— Partiu para Esgueira (Aveiro), d'onde deve regressar brevemente, o sr. Joaquim de Bastos que, acompanhado de seu irmão, alli foi tratar de negocios relativos á importante casa commercial do sr. João Castanheira de Moura, de quem ambos são empregados.

— O dia de Reis foi aqui assinalado por dois desastres. Deuse um no Campo Grande, sendo victima um limpa-calhas dos electricos que foi esmagado por um automovel. O outro, que ia custando a vida a um pobre operario, deu-se na Junqueira, devido tambem á extraordinaria velocidade com que os automoveis percorrem as ruas da cidade.

Desastres d'esta natureza estão a acontecer todos os dias por desleixo das autoridades que entendem que a vida dos cidadãos podem estar á mercê dos caprichos d'aquelles que não precisam ou não querem trabalhar e só saiem á rua para embaraçar os que numa labuta constante amassam o duro e negro pão de cada dia com suor e lagrimas.

**Troviscal (O. do Bairro)**

(PARTICULAR)

Na Povoia do Forno, logar d'esta freguezia, foram extraordinariamente festejados os Reis.

bem apparecidas! Pensei que se tivessem esquecido de nós. Ha um seculo!

— Não temos senão a pedir desculpa da nossa falta. Bem sei que estávamos em divida; mais de seis vezes temos resolvido cumprir o nosso dever, mas sempre apparece algum acontecimento que nos impede de sair.

— Soubemos hontem mesmo que a Therezinha esteve doente.

— A doença do costume.

— V. ex.<sup>a</sup> sempre bem?

— Graças a Deus antes assim que peor.

— Pelos meninos não pergunto, estão gordos e crescidos..

— Cada vez mais endiabrados.

A conversação adeja em roda dos assumptos mais insignificantes que acertam calir no meio d'aquella nora de palavras, e de quando em quando batem n'este mesmo ponto da longa ausencia.

— Nós diziamos: «estarão mal comosco?»

— Mal porquê, minha senhora?

— Eu sei! A's vezes com a melhor intenção dizemos coisas que desgostam..

— As meninas fallavam-me todos os dias de v. ex.<sup>a</sup>. Esperavamos encontrar as em Cintra.

Deve-se o *brilho* da festa a um cavalheiro dos mais qualificados da terra, que foi o promotor.

Este cavalheiro, para lhe dar principio, lembrou-se de convidar dois ou tres amigos.

Uma vez reunidos, resolveram ir cantar a todas as portas, pedindo vinho.

Os individuos, á porta de quem batiam, logo que davam a *pinga*, encorporavam-se no cortejo e lá iam em grande parodia, cantar e pedi-la nas casas seguintes.

Assim chegou a formar-se um grupo, talvez, de cincoenta individuos, que terminaram a festa ás cinco horas da manhã, bebendo geropiga.

Já cantavam os gallos e um nosso amigo, para significar que ainda era cedo para terminar, dizia, cheio de enthusiasmo: — «Não me guiô por cabeças de pinto».

— Estabeleceu-se aqui, com loja de mercearia, o nosso amigo, Albino Fernandes Claro.

E' um estabelecimento bem sortido e que vende os seus artigos por preços modicos. — X. Y. Z.

**Azurva, 5**

Na flôr da idade, pois contava apenas 17 annos, falleceu no dia 30 do mez passado, a menina Maria Pinho, filha do nosso amigo sr. Manuel de Pinho.

Ha poucos dias doente, ninguém podia prever tão triste desenlace que veio enlutar uma familia aqui muito estimada. A extinta era querida de todas as pessoas que a conheciam, sendo, portanto, a sua morte sentidissima, especialmente por parte das suas amigas. Estas, querendo testemunhar a enorme saudade que lhes ficava na alma por a vêrem desaparecer para sempre do seu convívio, offereceram-lhe duas cordões de flôres artificiaes, sendo uma adquirida pelas meninas Maria e Rosa Pereira Diniz e Anna e Engracia Marques, e outra pelas meninas Aurora Marques, Maria d'Oliveira, Maria e Rosa Figueira, Maria e Rosa Luiz Pereira, Maria Carvalho, Thereza Jesus d'Oliveira, Maria Pereira, Maria Custodia da Silva, Maria Domingos, Maria Rosa Dionisio, Maria e Rosa d'Oliveira, Maria Tavares, Maria Rosa Bombeiro e Maria e Emilia Silva.

Ao funeral da desditosa menina, que foi muito concorrido, assistiu a philharmonica de Angêja.

Lamentando sinceramente a sua morte, associamo-nos de todo o coração á dôr que afflige os pobres paes, enviando ao mesmo tempo sentidos pesames a toda a familia enlutada.

— Seguiu, no dia 27 do mez passado, para Lisboa, com desti-

— Estiveram em Cintra?

— Ha tres semanas.

— Muita concorrência...

— Tudo cheio; foi um milagre acharmos dois quartos no Victor para todos nós.

Passada uma hora de conversação, as filhas de D. Gabriella mostram os seus ultimos chapéus ás meninas de D. Violante, e os pequenos na saleta, munidos de um prego retorcido, averiguam de que seja o miolo do sophá novo.

Ainda as Ave-Marias não têm soado quando D. Violante annuncia a sua retirada por estas palavras:

— Vamos, meninas, que são horas.

— Já?!

— Hoje não nos podemos de-rar.

— Que pena! Não passam um bocadinho da noite?

— E'-nos impossivel, minha senhora!

— Qual impossivel! Tirem os chapéus.

— Se podessemos, com muito gosto.

— Isto é que é perfeitamente visita de medico.

— Havemos de vir passar uma noite inteira.

no a Manaus, o nosso amigo sr. Domingos Tavares da Silva Junior que foi acompanhado até Aveiro por numerosos amigos.

Este nosso presado conterraneo que, depois de ter estado bastantes annos no Brazil, veio passar algum tempo junto de sua familia, deixa aqui muitas saudades, pela maneira captivante como tratava todas as pessoas.

Azurva tarde ou nunca o esquecerá, bem como ao sr. Manuel Marques Ribeiro, que ha dias regressou tambem a terras de Santa Cruz, porque ambos lhe deram provas de que, embora ausentes durante muito tempo, a não haviam esquecido.

Pela nossa parte desejamos que a boa fortuna os acompanhe sempre, de maneira que, dentro em breves annos, possam regressar definitivamente, porque estamos certos de que esta terra só terá a lucrar com a sua presença.

— Na noite de 1 para 2 do corrente, houve um incendio em casa do sr. Manuel Basto Nôvo, quando este e sua familia já estavam a dormir. Apesar de serem prestados socorros immediatamente pelos visinhos, ainda soffreram alguns prejuizos.

— Tem passado incommodada a menina Maria Pereira Diniz cujas melhoras desejamos. — C.

**S. João de Loure, 7**

Apoz doloroso e prolongado soffrimento falleceu hoje o nosso amigo Manuel Nunes Baeta, vogal da Junta de Parochia de S. João e um dos influentes progressistas de mais prestigio d'esta freguezia.

Aos officios do corpo presente e funeral, que foi muito concorrido por pessoas d'aqui e das freguezias proximas, assistiu a philharmonica de S. João, a «Velha».

A' numerosa familia dos Baetas apresentamos os nossos peza-mes.

— Foi aqui muito bem recebida a correspondencia do sr. José Melicias, de Lisboa. Continue o nosso bom amigo que nos dá com isso muito prazer.

— De Fermentellos, onde foram passar as ferias do Natal, regressaram já os professores d'esta freguezia.

— Depois de curta demora no Brazil, para onde partiu ha mezes, chegou a S. João, o sr. Adriano da Silva, da Ponte.

— Realisou-se no dia tres a festividade de S. Silvestre a que assistiu a musica d'aqui, a «Nova».

Na vespera houve entremez.

— Vimos hontem em S. João o sr. dr. Eduardo Silva, professor do Lyceu d'Aveiro. — C.

— D'aqui a seis mezes, não é verdade?

— Não me acuse antes de tempo.

A' porta da escada apertam-se as mãos; sussurram os ultimos beijos da despedida; a conversação entala-se nos assumptosinhos do *á ultima hora* como um vestido de cauda a prender-se nos pregos do sobrado. Parece que as duas familias vão ser indefinidamente separadas pelas aguas do oceano. A despedida enrosca-se; alastra-se; corta-se; aperta-se, até que as visitas descem o primeiro lance, e as senhoras de casa correm a abrir as vidraças.

As que se vão dizem na escada:

— Muito tolas se teem feito estas raparigas.

— Pois a mãe?

— Já tinha idade de ter juizo.

— Não descançou enquanto não nos disse que tinha ido a Cintra.

As que ficam dizem da janella:

— E a mamã a insistir para que ficassem.

— O que havia de fazer? Pois não tinha menos desejos de as vêr pelas costas.

— Muito delambida está a Thereza.

— A Thereza! Faça favor de dizer a Therezinha.

**Oliveirinha, 7**

Realisou-se, no dia 1, um cortejo de pastorinhas, organizado por 40 tricanas, com cestos á cabeça onde levavam offertas ao menino Jesus, dirigindo se á igreja matriz, a cantar os seguintes versos:

**VOZ**

O Anjo São Gabriel  
Foi avisar a Maria  
Que do seu ventre sagrado  
Jesus Christo nasceria.

Quando o Anjo lhe appareceu  
Disse-lhe d'esta maneira:  
Deus te salve, cheia de graça,  
Virgem pura e verdadeira.

Ella ficou assustada,  
A pensar o que seria,  
Quando o Anjo lhe disse  
Não temas, Virgem Maria,

Tua graça divina  
Enche o ceu com sua luz;  
Has-de conceber um filho  
A que chamarão Jesus.

Maria disse: a minha alma  
Agradece ao Senhor;  
O meu espirito se alegra  
Por Deus que é o meu salvador.

**CORO**

O' pastorinhas do monte,  
Cantêmos com alegria,  
Que Jesus veio nascer  
Entre José e Maria.

Ha quatro mil e quatro annos  
Foi o pae Adão formado;  
Agora nasceu Jesus  
Pra remir nossos peccados.

Foi uma manifestação de sentimento religioso linda e tocante. A concorrência de povo era enorme, vindo muitas pessoas das freguezias visinhas.

Houve, depois, arrematação das offertas que renderam aproximadamente 25\$000 réis. — M.

Os avaros são atormentados não só pelo desejo de augmentar, mas tambem pelo medo de perder.

O homem para ser mestre de si mesmo, deve primeiro emendar em si o que reprehende aos outros.

**ANNUNCIOS**

**VIVEIRO DE VIDEIRAS AMERICANAS**

**ENXERTOS e BARBADOS**

Enviem-se preços correntes.

João Galgão

**Estarrêja--FERMELÁ**

— Com aquelle corpanzil! Parece já mãe de dezoito filhos.

Chegam á rua as visitas, dão meia duzia de passos, voltam-se, e acompanham a palavra de gesto.

— Adeus! Adeus! Adeus!

Da janella responderam-lhe com igual intimativa.

Mais meia duzia de passos e Therezinha diz na rua:

— Não repararam nos rodeios da Gabriella para nos fallar do sophá novo?

— Se reparámos! e o tal sophá parece uma canastra de fructa.

Na janella diz-se:

— Muito desastrada se vaé fazendo a tal Mariquinhas.

— Anda aos bordos como os embarcadigos.

As de Violante voltam-se:

— Adeus! Adeus! Adeus!

As da janella respondem:

— Adeus! Adeus! Adeus!

D. Violante diz:

— Voltemos aqui a esta esquina para não estarmos aos adeuses até ao fim da rua.

D. Gabriella exclama:

— Que ventura! Vão pela travessa!

As de D. Violante voltam-se; é o termo da despedida.

— Adeus! Adeus! Adeus!

Barão de Roussado.

## LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

PARA FESTAS de CRENÇAS

### Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis. Com uma linda encadernação em percalina 350

### MANUSCRITO das ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muito proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch., 120. Enc., 200 reis

**TABOADA** e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classes de Instrucção Primaria, por A. M. F.

3.<sup>a</sup> edição. . . 100 reis

### PROGRAMMAS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Com modelos para requerimentos de exames de instrucção primaria.

Brochado 60 reis

### GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

### LINGUA PORTUGUEZA

PARA

USO DOS ALUMNOS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

ELABORADA SEGUNDO OS ACTUAES PROGRAMMAS

POR

ALBANO DE SOUSA

3.<sup>a</sup> EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino, tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás crianças d'uma grande suavidade e, portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 reis

## NO PRELO:

*Desenho Geometrico dos Lyceus*, para as 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> classes, por Angelo Vidal.

### Deposito de Material Escolar

Modelos aperfeiçoados de: Carteiras, Caixas metricas, Contadores, etc. Esferas terrestres e arnillares.

*Museu escolar e Mappas Geographicos.*

—Preços muito reduzidos—

## EDUARDO D'OLIVEIRA BARBOSA

RUA DO GRAVITO—AVEIRO

Tem sempre á venda, por preços modicos: *mausoleus, campas e lousas*, em grande quantidade e de todos os tamanhos, para bancas de cosinha, depositos de agua, telhados e escolas.

Encarrega-se da construcção de *jazigos*, dentro e fóra da cidade, fornece desenhos para os mesmos e cantarias de *granito, pedra branca e pedra lioz*.

Tem tambem, em Eixo, armazem de chicoria, onde se encontra sempre grande porção d'este producto, da melhor qualidade e pelos preços mais rasoaveis.

Satisfaz, promptamente, qualquer encomenda.

## TYPOGRAPHIA

DE

*A. J. Vasconcellos, Suc.*

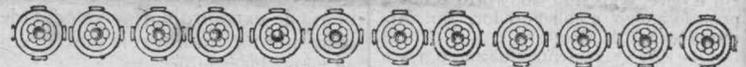
RUA DE SA' NORONHA, 51

PORTO

Esta officina encarrega-se de tomar conta de todos os trabalhos typographicos, taes como: mappas, jornaes, obras de luxo, cartões de visita, memoranduns, facturas, etc., etc.

Officina de encadernação

Carimbos de borracha



### ADUBOS CHIMICOS

ALLIPIO DOS SANTOS ORDENS

Cantanhede

Covões

### MERCEARIA

DE

JOSE' FERNANDES MASCARENHAS

EIXO

Grande deposito de adubos da Companhia União Fabril, sem duvida os que teem dado mais resultado em todas as culturas.

Grande desconto a pro mpto pagamento. Conducção a casa dos freguezes, para o que tem um serviço bem montado.

Vende tambem rolões por atacado e a retalho por preços convidativos.

Tem á venda todos os generos de mercearia da melhor qualidade e por preços rasoaveis. Armazem de vinhos de pasto em cuja escolha tem sempre o maximo escrupulo.

Descontos aos revendedores

Acceita commissões e consignações

Compra e vende ovos e cereaes

### MERCEARIA AVEIRENSE

DE

VICENT: DE MAGALHÃES TABORDA

51, Largo da Fontinha, 52

PORTO

Licôres, vinhos finos, assucar, chá, café e tabacos nacionaes e estrangeiros. Especialidade em carnes de porco.

Vendas por junto e a retalho.

Alfredo de Magalhães

ADVOGADO

34, Rua de S. Miguel, 36

PORTO

### ABC Illustrado

POR

ANGELO VIDAL

Á venda em todas as livrarias.

M. Saldanha & C.<sup>a</sup>

Rua Augusta, n.º 100, 1.º-E

Commissões e exportação

Encarrega se da compra e venda de productos nacionaes e estrangeiros.

Endereço Telegraphico—EIXO

## CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administracção:

R. de S. Miguel, 36—Porto

### ASSIGNATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal—anno . . . . .	1\$200
» —semestre . . . . .	600
Africa —anno . . . . .	1\$500
Brazil —anno—(moeda forte) . . . . .	2\$200

### PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. . . . .	10 reis
Communicados, cada linha. . . . .	20 »
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.	
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.	

## CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administracção—R. de S. Miguel 36—Porto

Ca. mo Lm.